

III

Viagem ás Hesperides, segundo a restituição da Argonautica d'Apollonio

Conforme as exigencias da nossa hypothese, o ponto de partida da viagem ¹ não póde ser outro senão o da Heraclea — Tartesso.

É pouco verosimil que uma tempestade salteasse os mareantes, logo no começo da sua expedição, e os arrojasse aos temerosos baixios, onde passaram tão asperos trabalhos.

Deixando para logar mais proprio a critica d'estas minudencias, o que nos importa por agora é de-

¹ Escusado advertir que esta viagem nada tem de commum com a viagem ao Mar do Norte. Ambas ellas são tão independentes uma da outra, como o 10.º e 11.º trabalho d'Hercules. A sua ligação é obra dos Gregos.

terminar em que região os baixios podiam ficar, e o que elles podiam ser. Chamemos para aqui as revelações inconscientes do poeta. Já nos baixios os Argonautas são honrados com a apparição das deusas protectoras d'esta parte da Libya, que lhes indicam enigmaticamente o caminho para o Lago Triton, com o qual ellas estão relacionadas ². No Lago Triton, ou muito perto d'elle, encontram os naufragos as Hesperides que, diz Apollonio, habitavam *in agro Atlantis*; e é no Lago Triton, como já vimos, que elles são suppliciados pela ardente bafagem dos ventos, que corriam no Mar Austral. Resulta d'aqui que o Lago Triton, com as suas Hesperides, ficava *in agro Atlantis*, nas regiões do Atlas, posição confirmada por Diniz de Mileto, e os baixios, onde os navegantes foram encalhar, não podiam distar muito do Lago; porque, supposto os naufragos gastassem doze dias ³ d'um ponto a outro, não devia ser consideravel a distancia entre os dous, percorrida como foi por uns caminheiros, que tiveram de transportar comsigo uma pesada barçaça.

Que formidaveis baixios podiam ser esses, que Apollonio identificou com a Grande Syrte, mas que pelas suas proprias indicações devemos procurar pelas immediações do Atlas, ou Bojador? Para nós nenhuma duvida que elles não são outra cousa senão o mar innavegavel de Scylax, cheio d'algas e de limo, a formidavel restinga de seis legoas, que ficava no rosto do promontorio, como escreve Bar-

² *Argonautica*, IV, 1309-11.

³ *Argonautica*, IV, 1385-6.

ros; e a narração do poeta parece-nos a plena confirmação d'este modo de vêr:—O navio foi arrebatado por um pujante movimento de mar para um enorme baixio, coberto d'algas e d'espuma, e o piloto Anceu declara com desespero que não ha salvação possível. Tudo o que vejo em torno, diz elle, é mar limoso e, se a nau ainda sobrenada, é isso devido á inundação das aguas, que a arrastaram para aquella paragem; mas a inundação reflue violentamente para o largo, e dentro em pouco não haverá altura bastante, em que ella possa mover-se ⁴.

No ultimo plano, para o lado da terra, desenrola-se uma solidão infinita, sem uma fonte, um caminho, uma cabana — um ermo espantoso, requeimado pelo sol ardente d'aquella parte da Libya ⁵.

Não é em face do Sahará que estamos?

E nem foi uma tempestade, a que nenhum incidente da descripção allude, nem o movimento normal da maré que trouxe os navegantes áquelle sinistro logar. Na inundação periodica da maré, que tornasse navegavel o grande baixio no seguinte dia, parece pôrem elles uma ligeira esperança, porque não tomam resolução alguma, sem esperar pelo meio dia do dia immediato ⁶. Chegada porém aquella hora, toda a esperança se desvaneceu, e é então que elles deliberam procurar um caminho que os leve ao mar largo. Não é licito pensar n'uma d'essas

⁴ *Argonautica*, IV, 1237-8; 1261-72. Comp. a descripção que Scylax e Barros fazem do mar innavegavel.

⁵ *Argonautica*, IV, 1245-9; 1312-13.

⁶ *Argonautica*, IV, 1312 e seg.

famosas correntes atlânticas, tão temíveis para os que, conhecendo-as, podem pelo menos tratar de as evitar, e verdadeiramente assombrosas para quem era surpreendido por ellas a primeira vez?

Aqui temos pois, se não erramos, os Argonautas perdidos no fundo da formidável restinga de seis legoas, que se encontra no rosto do Bojador, o Atlas da tradição phenicia, e vamos vêr se a continuação da narrativa justifica a nossa opinião. O seu primeiro cuidado é salvar a nau e em seguida procurar um caminho, que lhes dê sahida para o mar navegavel. Guiados por uns certos indícios, de que logo daremos conta, tomam uma direcção tal que, ao fim de doze dias de fadiga, vão ter a um Lago sertanejo. É o Lago Triton. Por tudo o que deixamos dito é indubitavel que o Triton ficava pelas immediações do Bojador, do Atlas; mas para norte ou para sul do promontorio?

Este ponto parece-nos soffrivelmente esclarecido pela navegação, seguida pelos naufragos depois da sahida do Lago. Primeiro costeiam uma terra deserta, que lhes fica á direita; descobrem mais logo um grande promontorio, por onde se interna o mar e de que o Genio do Lago lhes aconselhou se desviassem; na altura do promontorio sopra-lhes o vento sul, com grande satisfação sua, e tres dias depois chegam a Carpathos e a Creta ⁷. Ora esta Carpathos e esta Creta do Mar Austral não são, como mostraremos, senão duas das Canariás, as Hes-

⁷ *Argonautica*, IV, 1021-37.

perides da legenda, e por isso para nós é de fé que o promontorio, por onde se internava o mar, que os Argonautas deviam evitar, não era outro senão o Bojador, no rosto do qual havia a restinga de seis legoas, que, como insinuava o Genio do Lago e como affirmava Barros, era preciso tornear por largo, para navegar livremente e sem risco n'aquellas paragens; de sorte que o Lago Triton vinha a ficar ao sul do Bojador, e devia ter communicação com a enseada, que se encontra logo ao sul do promontorio.

Chamemos agora para aqui uma passagem do periplo d'Hannon. Como se sabe, o almirante cartaginenez foi encarregado pelo governo do seu paiz de percorrer a costa occidental da Libya, para fundar algumas colonias e restaurar outras, que os Tyrios ahi haviam fundado, e das quaes os Carthaginezes se consideravam herdeiros, depois da queda da metropole. A esquadilha d'Hannon segue a esteira dos Argonautas e passa muito além de Cerne e do mar innavegavel; mas Cerne e as suas immedições merecem-lhe uma attenção especial, como vae ver-se. «Depois d'alcançarmos interpretes nos Lixitas, diz o periplo, demandamos o deserto (Sabará), navegando para o sul por espaço de dois dias e, tomando depois o rumo do nascente, chegamos ao fim d'um dia a uma enseada, onde havia uma ilha de cinco stadios de circumferencia, a que demos o nome de Cérne, e onde deixamos uma colonia ⁸.»

Para Mr. Vivien de Saint Martin a enseada, em

⁸ *Hannonis periplus*, 8.

que ficava Cerne, é a que segue immediatamente ao Bojador; ⁹ e não pôde desconhecer-se que, quebrando o rumo na direcção do nascente para entrar na enseada, depois de trazer o de norte a sul, Hannon segue inversamente a mesma derrota que seguiram os Argonautas, quando depois da sahida do Triton costeiam uma terra deserta até á ponta do promontorio, para depois seguirem o rumo de sul a norte.

Vejamos agora o que fazem os Carthaginezes n'esta enseada. Toda a armada estaciona em Cerne, enquanto que alguns exploradores vão fazer um reconhecimento, que o periplo conta d'esta maneira:

«D'ahi (de Cerne) seguimos por um grande rio chamado Chretes e chegamos a um Lago, onde havia tres ilhas maiores que Cerne. Gastamos um dia a attingir as extremidades do Lago, sobranceadas por altos montes—morada de selvagens vestidos de pelles, que nos repelliram á pedrada, quando tentamos desembarcar. D'aqui viemos ter a outro rio, cheio de crocodilos e cavallos marinhos, e em seguida tornamos a Cerne ¹⁰.»

E toda a armada continúa então a sua viagem para o sul.

Muito mais que as coincidencias que se dão entre o Lago, visitado por Hannon, Lago que já fica

⁹ Vivien de Saint Martin, obr. cit., pag. 381 e seg.

¹⁰ *Hannonis periplus*, 9.

para o sertão e communica com uma enseada logo a sul do Bojador, tal qual como o Triton dos Argonautas, muito mais que estas coincidencias, repetimos, nos impressionam na narrativa do periplo os cuidados minuciosos, com que o almirante faz o reconhecimento d'aquella região, que aliás, como se sabe, não tem nada que possa namorar um explorador, e um explorador como Hannon, que vae resolvido a estender a sua viagem até onde lh'o permittam os mantimentos que leva comsigo ¹¹. Nós perguntamos por isso, se não é precisamente por entender que o Lago, que visitava, era o Triton dos Argonautas phenicios, de que a tradição desfigurada pela credence contava maravilhas, que o explorador carthaginez se deu ao trabalho d'estudar minuciosamente o celebre Lago, para apurar o que havia de verdade no meio d'aquellas fabulas.

Aqui está uma historieta contada por Herodoto, que interpretada racionalmente nos intima irresistivelmente esta convicção. Para explicar a existencia d'umas colonias gregas nas immediações do Lago Triton, diz-nos Herodoto como o chefe dos Argonautas querendo, antes de partir para a Colchida, offerecer uma hecatombe e uma tripode ao Apollo de Delphos, foi apanhado no Cabo Maleu por uma tempestade, que o arrojou aos baixios do Triton. Para se escapar do perigo, Jason teve d'offerter ao Genio do Lago a tripode destinada ao deus de Delphos, e disse-lhe então o Triton que, quando os «descendentes dos Argonautas» se apoderassem

¹¹ *Hannonis periplus*, 18.

d'aquella tripode, fundariam cem cidades pelos arredores do Lago ¹².

Como se vê, a tradição, reproduzida por Herodoto, baseava-se no facto consummado da fundação de certas colonias effectuada pelos «descendentes dos Argonautas» nas proximidades d'um Lago Triton, que estes haviam visitado; e, como se vê igualmente, tudo isto se verifica ponto por ponto nos exploradores commandados por Hannon. São elles, como carthaginezes, os descendentes dos verdadeiros Argonautas; são os companheiros d'Hannon os que podiam visitar o Lago Triton dos Argonautas, o Triton, proximo do Mar Austral; são elles que podiam apoderar-se da tripode, que os seus antepassados offeceram ao Genio do Lago e fundar colonias pelos seus dominios, e Hannon não se esquece de dizer-nos que fundou uma colonia em Cerne.

Para nós pois é quasi certo que a visita d'Hannon ao famoso Lago, a colonisação de Cerne e a fundação de varias outras colonias pela costa africana sobre o Atlantico, formaram a base real da tradição, que nos transmittiu Herodoto, interpre-

¹² Herodoto, iv, 179. As divergencias entre Apollonio e Herodoto são dignas de nota. Segundo o pae da historia, o naufragio dos Argonautas na Libya não foi depois da expedição á Colchida, mas antes, o que daria motivo a perguntar, se valesse a pena, como é que uns navegantes, que d'Iolchos querem ir para Delphos, vieram ter ao Cabo Maleu; o Lago Triton é agora o da Pequena Syrte e não o da Cyrenaica; as colonias gregas não têm nada de commum com as da versão d'Apollonio, bem que Herodoto conheça muito de perto a historia de Battus, a quem o poeta as attribue.

tando-a a seu modo e pelo criterio corrente de considerar gregos os Argonautas, e portanto gregas as colonias que os seus descendentes podiam estabelecer.

Por todas as razões expendidas dissemos e insistimos em que as minuciosidades da descripção d'Hannon, como a sua exploração do Lago, tiveram por principal motivo as lendas maravilhosas, que a tradição dos trabalhos dos Argonautas n'aquella região haviam creado no espirito popular ¹³. Pelo que parece, as illusões esvairam-se. Hannon pouco mais encontra do que selvagens vestidos de pelles, que recebem os estrangeiros á pedrada; mas até n'este incidente estamos vendo uma como reprodução da scena dos Argonautas, quando pelos arredores do Triton entram em lucta com uns pastores selvagens, um dos quaes prostra Cantho com uma pedrada ¹⁴.

Sendo justas as nossas considerações, e cremos que o não podem ser mais, a parte do periplo que temos analysado é um subsidio precioso para determinar a posição geographica do mysterioso Lago, como, reciprocamente, a Argonautica não contribue pouco para fixar a geographia d'esta parte do periplo, em que os sabios modernos não estão muito d'accordo.

Como já atraz dissemos, Mr. V. de Saint Martin

¹³ Quer-nos parecer que as noticias, que nos dá Herodoto (IV, 195-6) sobre umas regiões mal determinadas da Africa occidental, têm uma origem identica.

¹⁴ *Argonautica*, IV, 1485-9.

colloca Cerne na enseada abaixo do Bojador e nomeadamente pelas proximidades do Rio d'Ouro, mas o rio dos hippopotamos e crocodilos do periplo, identifica-o o sabio geographo com um dos braços do Senegal — identificação que se nos figura verdadeiramente assombrosa ¹⁵. No Rio d'Ouro encontraram os Portuguezes, nas suas descobertas pela costa africana, uma enorme quantidade do que chamavam lobos marinhos ¹⁶, e nós não reconhecemos grande auctoridade nos denominadores carthaginezes e portuguezes, para por causa d'ella rejeitarmos uma hypothese que não póde ser mais obvia, i. é, que o rio, onde os Portuguezes encontraram uma infinidade de lobos marinhos, sem duvida alguma o Rio d'Ouro ¹⁷, e o rio, onde os Carthaginezes encontraram grande quantidade d'hippopotamos e cavallos marinhos, ambos elles pelas proximidades do Bojador, são um e o mesmo rio.

¹⁵ Pelos dados do periplo d'Hannon, os « silvosi montes », que o snr. V. de Saint Martin identifica com o Cabo Verde, estão a sul de Cerne, a distancia de doze dias de navegação e portanto o Senegal cerca de dez dias. Como ha de pois admittir-se que, para reconhecer um dos braços do Senegal, Hannon fosse estacionar em Cerne, perto do Rio d'Ouro, tendo de gastar na ida e na volta ao Senegal vinte dias? Se o almirante pára em Cerne, é naturalmente para explorar as regiões que lhe ficam proximas. É depois d'isto que elle nos diz que seguiu com a sua expedição muito além do Senegal, não a continuando unicamente por lhe escassearem os mantimentos.

¹⁶ Azurara, obr. cit., cap. x.

¹⁷ Idem, cap. xvi.

N'este caso o Chretes ¹⁸, por onde os exploradores d'Hannon tomaram o caminho mais direito para o Lago, ficava já a norte do Rio d'Ouro e é cerca da foz d'aquelle rio que deve, segundo as indicações do periplo, ser procurada a celebre Cerne.

Seria preciso um mappa minucioso d'esta parte da Africa, para verificar sobre elle a existencia d'um Lago n'uma relação tal qual com o Rio d'Ouro e tendo uma communicação mais directa com outro rio, a norte d'este, pois só assim podíamos assentar as provas positivas, que faltam á nossa interpretação, isto admittindo que a topographia d'aquellas regiões não tenha soffrido consideraveis alterações ¹⁹. Nós baldamos todo o trabalho em procurar similhante mappa; chamamos no emtanto toda a attenção do leitor para uma carta de Ptolomeu, que

¹⁸ O Chretes, segundo Hannon, era um grande rio. Se é por elle que os Argonautas sahiram do Lago Triton, como acreditamos, a tradição d'Apollonio deixal-o-hia reduzido a um esteiro d'agua estagnada, tão salobra como a do Lago, no meio do qual os heroes estiveram para morrer á sêde. Se nos oppuzessem esta contradicção como objecção ao nosso modo de vêr, diríamos que ella não tem valor. Nas regiões tropicaes os rios no espaço de poucos dias podem apresentar os dous aspectos, de que nenhuma objecção pôde tirar proveito. Um exemplo a proposito: o Rio d'Ouro, que passa por ser um grande rio, era para João de Barros (i, 7) um esteiro d'agua de poucas legoas.

Se o Promontorio Ryssadio é o Bojador, como crê o snr. V. de Saint Martin, e nós tambem, o Chretes d'Hannon seria o Stachir Ptolomeu. Vid. carta primeira ao fim d'este volume.

¹⁹ Conforme Diodoro Siculo (III, 55), o Lago Triton teria já desaparecido no seu tempo.

parece ter sido expressamente composta para favorecer o nosso modo de vêr ²⁰.

Certo é que os argumentos que temos adduzido nos auctorisam, cremos nós, a estabelecer com a maxima probabilidade que foi realmente nos baixios do Bojador e immediações que se deu o sinistro maritimo dos Argonautas, cuja solução definitiva começa com a sahida do Lago Triton.

Reatemos a narrativa. Perdidos na temerosa restinga de seis legoas, de que falla Barros, o principal empenho dos naufragos é, como se imagina, salvar a nau e arrastal-a n'uma direcção, por onde mais depressa possam sahir ao Atlantico. Este caminho, que os levou ao Lago Triton, não foi escolhido ao acaso. Os Argonautas seguiram as pégadas de um dos cavallos de Neptuno, que mal Amphitrite disjungiu do carro de seu esposo, saltou do mar para a terra e se internou a galope pela praia ²¹ — quer simplesmente dizer que, quando a grande inundação terminou, e as aguas excedentes do baixio tomaram a fórmula de correntes para ganharem o seu nivel natural, uma d'estas correntes, escoando-se á vista dos naufragos na direcção do sertão, se lhes figurou um aviso providencial, por ser muito de presumir que ella fosse desaguar no mar, que elles tanto desejavam alcançar.

O indicio não os enganou inteiramente; porque

²⁰ Vid. carta primeira ao fim d'este volume. Lembraremos que a identificação do Ryssadio com o Bojador é admittida pelo snr. V. de Saint Martin, obr. cit., pag. 375.

²¹ *Argonautica*, iv, 1325-9; 1370-9.

supposto o caminho fosse longo e trabalhoso, e ao que parece asperamente accidentado ²², tiveram a fortuna d'ir parar ao Lago Triton, o qual, como sabemos, tinha realmente uma communição, mais ou menos dissimulada, com o mar largo.

Bem que sejam raras as addições feitas por Apollonio na viagem á Libya, vêmol-o intercalar nos acontecimentos, passados no Triton, o disparatado e phantastico episodio das Hesperides, como elle as concebia e a maioria dos seus contemporaneos; mas a prova de que ha aqui uma intercalação, e inteiramente arbitraria, está em que o poeta nos descreverá logo no seu scenario historico as verdadeiras Hesperides e o seu dragão, embora não dê por isso ²³.

Todos os outros episodios corroboram a nossa interpretação. Nada mais provavel do que encontrarem os Argonautas pelos arredores do Lago tribus selvagens e com os mesmos habitos, que encontrou mais tarde o carthaginez Hannon, defendendo

²² *Argonautica*, iv, 1381-7. Tão extraordinario lhe parece o facto, que Apollonio declina toda a responsabilidade para a tradição. Uma prova de que não foi elle quem o phantasiou.

²³ Esta phantasia talvez fosse auctorizada até certo ponto pelas indicações da tradição phenicia; porque as deusas « protectoras d'esta parte da Libya », que já atraz appareceram aos naufragos, com todas as probabilidades pertencem áquella tradição. O papel que as Hesperides representam com relação aos Argonautas limita-se a indicar-lhes uma fonte, em que possam matar a sêde (iv, 1450-1). Esta graça, como a primeira, quadra bem ás deusas libycas, que se compadeeceram dos infelizes, como protectoras que eram d'aquella parte da Africa. Não podendo col-

com as armas que tinham, a pedra, os rebanhos, de que o heroe Cantho e os seus companheiros queriam apoderar-se — facto que devia crear nos descendentes d'aquella gente uma tradição muito desfavoravel aos estrangeiros, que os visitassem. A sêde, que soffreram os Argonautas no Lago; o supplicio não menos insupportavel das lufadas do vento abrazador, que corria no Mar Austral, são incidentes, o ultimo dos quaes bastaria para dar-nos a intima certeza de não trilharmos caminho errado.

Depois d'atínarem com o esteiro d'agua, que punha o Lago em communicação com o Mar Austral, os Argonautas vieram descançar n'um porto já sobre a costa, onde levantaram ao Genio Triton e a Neptuno altares, de que ainda no tempo d'Apollonio existiam vestigios, diz elle ²⁴. Se este porto fosse uma ilha, não duvidariamos identificall-a com a celebre Cerne; mas infelizmente n'este particular a descripção do poeta é em extremo vaga.

D'alli começa propriamente a volta da viagem. Ajudados pelo vento zephyro (?) ²⁵, costeiam o de-

locar as Hesperides nas ilhas, aonde vão ter os navegantes depois da sahida do Triton, porque para o poeta estas ilhas já não têm nada com a Libya, e não podendo deixar de fallar d'aquellas entidades, depois de fazer passar os seus heroes pelo paiz que ellas habitavam, Apollonio compoz todo aquelle episodio, como lhe foi possível, amalgamando as suas phantasias com as tradições phenicias, mas ainda assim d'um modo, que umas e outras se podem estremar menos mal.

²⁴ *Argonautica*, iv, 1620-2. E é bem possível que esta noticia proviesse da exploração d'Hannon.

²⁵ Mesmo na costa occidental da Cyrenaica, em que podia pensar Apollonio, o vento zephyro estava inteiramente deslocado. Ou a indicação é banal ou está deturpada.

serto, que lhes fica á direita, durante um dia e uma noite, segundo parece, e pela manhã avistam a ponta do promontorio, por onde o mar se internava. Em vez porém de continuar a navegação costeira, com certeza por saberem que iam parar aos baixios, que tão fataes estiveram a ser-lhes, os mareantes na ponta do cabo afastam-se na direcção opposta a elle ²⁶, e depois seguem a direito no rumo de sul a norte, tendo a fortuna de ser auxiliados a ponto pelo vento, que mudou para sul, fortuna que elles festejaram com clamorosas saudações ²⁷. Ao fim do dia o vento acalma, mas os navegantes continuam de noite a sua derrota, remando vigorosamente. A faina continúa no dia e noite seguintes, até que emfim descobrem a ilha Carpathos, aonde vão arribar, tocando depois em Creta, a maior ilha d'aquelle mar ²⁸.

Já dissemos que esta Carpathos e esta Creta do Mar Austral, a tres dias a norte do Bojador, só podiam ser duas das Canarias, as Hesperides da legenda, translocadas pelo poeta, consoante as exigencias da sua concepção; a sua narrativa, se não estamos cegos de todo, não deixa sobre a nossa identificação a menor duvida. De Carpathos, diz elle, quizeram os Argonautas passar para Creta; mas a ilha era guardada por um monstro, o Talus, vulneravel unicamente n'uma veia do calcanhar, monstro que rodeava a ilha tres vezes e repellia fu-

²⁶ « a cubito proeminente abeuntibus », *Argonautica*, IV, 1583.

²⁷ *Argonautica*, IV, 1622-8.

²⁸ *Argonautica*, IV, 1630-7. No verso 1634 chama o poeta aquelle mar « magnum æquor ».

riosamente os que tentavam aproximar-se d'ella ²⁹. Demais os heroes iam tão cortados pela fadiga e pela sêde ³⁰, que se sentiam sem forças para entrar em lucta com o espantoso guarda da ilha. Ora através d'estas roupagens poeticas, vê-se sem grandes difficuldades, que o monstro Talus, rodeando tres vezes uma ilha e repellindo violentamente os que pretendem abordar a ella, não é mais que o mar tumultuando com fracasso nas suas praias, como a parte vulneravel do monstro não é senão um ponto da costa, onde a abordagem se póde fazer com menos perigo. Aqui estão pois, como dissemos, as Hesperides no seu verdadeiro logar e aqui está com certeza o dragão, a quem fôra confiada a guarda do seu Jardim, e que Apollonio nos deu por morto perto do Triton, por não perceber que o Talus da legendã, que copiava, e o monstro das phantasias gregas era uma e a mesma cousa, e que as Hesperides eram ilhas do Mar Atlantico, como inculcava Pherecydes. A morte de Talus, ou do Dragão das Hesperides, reduz-se, como se vê, ao simples facto de conseguirem os Argonautas penetrar na ilha, apesar das difficuldades da abordagem.

Como a falsa Creta é chamada a maior ilha d'aquelle mar, não hesitamos um momento em identificall-a com a Gran-Canaria, e Carpathos com a ilha que lhe fica ao sul.

Os mareantes sempre conseguiram entrar na

²⁹ *Argonautica*, IV, 1638-48.

³⁰ Já notamos que o calor e a sêde têm allusões constantes na viagem á Libya.

ilha, onde se demoram uma noite. No dia seguinte põem-se a caminho, quando, passado um tempo que se não determina, são surprehendidos pela famosa noite Cathulada. A cerração é tão profunda, que não podem vislumbrar uma só estrella, sendo licito duvidar se vogam pelo mar, se pelos infernos ³¹. Mas ha alguma cousa mais; porque as manobras nauticas param, como não podia deixar de succeder, e no emtanto a nau lá vae correndo sempre. É essa circumstancia e não a escuridão da noite, que os enche d'um pavor indizivel; pois, quando a treva se vae dissipando, e elles avistam uma ilha, o seu jubilo é na proporção do terror passado, e tratam d'arribar a ella com a ancia d'um naufrago ³².

Na concepção d'Apollonio a pavorosa scena deuse entre Creta e Anaphe, uma das Sporadas; mas nem se admite que no Mar Egeu, por uma noite socegada, uma nau possa correr por si mesma a ponto de produzir nos tripulantes um panico que não póde ser pintado com mais negras côres, nem se explica o regosijo dos Argonautas ao descobrir uma ilha ao norte de Creta (não esquecendo que os Argonautas são phenicios e portanto muito conhecidos do Mar Egeu), quando a difficuldade seria navegar para o norte de Creta, sem descobrir duzias d'ilhas.

³¹ *Argonautica*, IV, 1694-1700. Provavelmente por phenomenos, identicos aos d'esta descripção, é que mais tarde os Arabes chamavam ao Atlantico « mare tenebrosum ».

³² *Argonautica*, IV, 1701-19.

Por isso não hesitamos em collocar a scena no Atlantico e em attribuir a marcha quasi phantastica do navio a uma d'essas formidaveis correntes que ahi dominam. O terror dos mareantes, descripto por Apollonio, tem o seu correspondente n'uma passagem d'Orpheu e ahi acompanhado da respectiva explicação. D'esta vez os Argonautas vêm do Mar do Norte e ao aspecto d'uma procella enchem-se tambem d'um grande pavor, só com a idéa de não poderem governar o rumo para o Estreito de Gibraltar e de serem arrebatados para as infinitas solidões do Atlantico ³³.

É certamente a mesma aterradora idéa que destina os expedicionarios do Mar Austral, e mais justificadamente ainda, porque n'esse caprichoso movimento do mar elles reconhecem talvez a repetição do que já á vinda os arrojára, como um juguete, para o fundo do mar innavegavel, ainda assim aproximando-os da terra, emquanto que agora era na direcção contraria á terra, e para a solidão do Oceano, que elles se sentiam violentamente arrastados.

N'estas condições imagina-se o que póde valer para elles o apparecimento d'uma ilha, onde consigam aportar, esperando que o perigo passe e o mar serene, para navegarem na orientação que lhes convém.

O que póde ser n'este caso a ilha Anaphe? Os Gregos davam-lhe uma etymologia accommodada ao facto, contado na Argonautica; mas Bochart insiste em que Anaphe é uma palavra phenicia que signifi-

³³ Orpheu, *Argonautica*, 1156-67.

ca — opaca, ramosa, indicando uma ilha coberta d'arvoredo ³⁴. É a Madeira? Estamos muito inclinados a acreditar-o e mais adiante exporemos as razões, que reforçam a nossa conjectura.

D'Anaphe os expedicionarios seguem para Iolchos, tocando em Ægina ³⁵, onde pouco se demoram, por quererem aproveitar o vento que lhes é favoravel.

Sendo o ponto de chegada o mesmo que o ponto de partida, Iolchos está aqui por Tartesso, e a pseudo-Ægina deve ser uma localidade a poente de Tartesso. O vento, que ahi podia então soprar favoravelmente, só podia ser o Zephyro. Nós veremos, quando reunirmos razões, que seria deslocado produzir agora, que a pretendida Ægina d'Apollonio e a Eolia da Odyssea são uma e a mesma cousa, e com grandes probabilidades o Zephyridos do periplo phenicio do seculo vi.

A novidade da nossa interpretação deixará ainda indecisos muitos leitores, estamos certos d'isso, sobre o valor das nossas considerações, porque as desejariam apoiadas por uma auctoridade qualquer. Vamos offerecer-lhes uma auctoridade respeitavel, nada menos que a do mythographo dos Errores de Ulysses.

³⁴ Bochart, *Geographia sacra*, I, xv.

³⁵ D'Anaphe a Ægina os Argonautas atravessaram um « largo mar ». *Arg.* iv, 1765-6.